

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCELAINE BORGES ZAMPOLIN DIAS

O PAPEL DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCELAINE BORGES ZAMPOLIN DIAS

O PAPEL DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

D543m Dias, Lucelaine Borges Zampolin
Memorial de Formação : o papel do professor no século XXI /
Lucelaine Borges Zampolin Dias. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-122-BFE

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me proporcionado a experiência da Graduação com saúde, e na presença de pessoas que me amam e torcem por mim.

Ao meu marido Fábio e minha filha Giovana, por toda a paciência e o cuidado que dispensaram a mim durante os últimos três anos e, em especial, durante o período de elaboração desse Memorial.

Ao meu pai Nelson e minha mãe América, por terem me dado uma educação baseada no amor, na perseverança e na confiança, além de todo o apoio que dedicaram a mim durante o período da Graduação.

A Cristiane, Daniela e todas as pessoas que, ao me verem cansada e sem ânimo, estenderam suas mãos a me amparar.

Sem vocês, essa conquista talvez não fosse possível.

Poeminha do Contra

Todos esses que aí estão

Atravancando meu caminho,

Eles passarão...

Eu passarinho!

(MÁRIO QUINTANA)

RESUMO

O presente trabalho traz as memórias de formação na Graduação em Pedagogia na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas da aluna Lucelaine Borges Zampolin Dias, tendo como tema central o papel do Professor no século XXI. Após uma breve análise histórica da trajetória do Professor no Brasil focando determinados momentos da História como o período colonial, o processo de industrialização e a crise na educação brasileira (1964 – 1968), as atribuições dadas pela sociedade ao Professor, assim como o contexto da Educação atual, são abordados através de relatos de experiências quanto a avaliação processual, intervenção de outros profissionais na Educação, ampliação das atribuições do Professor, responsabilidades sociais da Educação e falta de estrutura nas instituições de ensino. Nessa análise, alguns autores como Paro, Brandão, Elliot, Ribeiro, Romanelli e Durkheim são citados, estabelecendo a relação entre a prática profissional, a reflexão proposta e a teoria tratada na Graduação.

Palavras-chave: Papel do Professor, Educador, Sociedade, Responsabilidade.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| 1. Caminhos por mim percorridos na escolha do tema para o memorial..... | 3 |
| 2. O papel dos nossos Professores..... | 8 |
| 3. O Processo Avaliativo na Educação Infantil na cidade de Indaiatuba: “cognitivizando” as relações..... | 12 |
| 3.1 A elaboração do Processo Avaliativo na Educação Infantil em Indaiatuba..... | 13 |
| 3.2 “Cognitivizando” a relação Professor/Aluno..... | 19 |
| 4. Educação, profissão de todos..... | 21 |
| 5. Professor, profissão “polvo”..... | 24 |
| 6. Uma geração de Professores no banco dos réus..... | 26 |
| 7. Cada macaco no seu galho..... | 28 |
| 8. Afinal, qual o papel do Professor no século XXI?..... | 31 |
| Referências Bibliográficas..... | 32 |
| Anexos..... | 34 |

Introdução

Escrever um Memorial de Formação é, sem dúvida, um grande desafio. E frente a esse desafio proposto como trabalho de conclusão do curso da Graduação em Pedagogia do PROESF¹ da Unicamp, saí em busca de textos e materiais que pudessem me servir de base a essa escrita e, de posse deles, iniciei meus registros.

Nesse primeiro momento buscava ir de encontro com as idéias trabalhadas nas disciplinas da Graduação, reforçando o fato de concordar com tudo o que foi trabalhado ao longo do curso e... rasguei, rasguei tudo porque aquilo não era meu, não eram as minhas memórias presentes naqueles textos.

Aceitar escrever uma posição pessoal que, muitas vezes, diverge da desenvolvida no curso, foi um processo árduo que envolveu o medo da reprovação, a crítica de alguns colegas que acreditavam que o Memorial deveria reforçar a Graduação e um imenso incomodo por, enquanto educadora, ter de “carregar o mundo nas costas”.

Esse último fator acabou por suprimir os demais e levar-me de encontro à questão que direcionou esse trabalho: Quem é o Professor do século XXI?

Ao longo desse Memorial, escrevo passagens em primeira pessoa do singular, por serem experiências pessoais, e em primeira pessoa do plural, por se tratar de definições, responsabilidades, situações comuns a todos os Professores.

¹ Programa especial para formação de professores em exercício na rede de educação infantil e primeiras séries do ensino fundamental na rede municipal da Região Metropolitana de Campinas.

Nesse trabalho pode-se observar também que, ao citar o Professor e a Educação, o faço com letra maiúscula, pois são palavras que resumem todo um

conjunto de homens e mulheres ligados por um ideal comum e merecedores de ênfase.

Ao relatar minhas experiências profissionais espero não parecer pessimista ao extremo, afinal se me mantenho nessa profissão há 7 anos algo gratificante encontrei nela, e desde já esclareço que me realizo no que faço, mas o incômodo que sinto ao ouvir que para ser professor é preciso gostar me salta às mãos ao escrever esse Memorial. É preciso gostar para ser qualquer coisa, mas acima de tudo, é preciso saber, conhecer, entender para ser um profissional da Educação.

Os capítulos que se seguem pretendem levar o leitor, se profissional da Educação, a reavivar algumas angústias muitas vezes minimizadas em função da responsabilidade de educar, e se espectador do processo ensino-aprendizagem, a conhecer um profissional que, embora não use mais jaleco ou avental, ainda trabalha coberto por pó de giz.

1. Caminhos por mim percorridos na escolha do tema para o Memorial.

Inicio esse Memorial com uma questão que nasceu no primeiro dia em que entrei em uma sala de aula na condição de professora, e me acompanha até hoje: Quem é, de fato, o Professor do século XXI?

Talvez essa dúvida se deva ao fato de, logo após eu ter me formado no curso de Magistério em 1998, ter me tornado, por meio de concurso público, professora substituta em uma cidade cujo sistema educacional é bastante paternalista.

Nesse capítulo, buscarei explicar ao leitor, primeiramente, o que é um professor substituto na cidade onde trabalho e, posteriormente, porque considero o sistema educacional adotado por essa cidade paternalista.

Na cidade de Indaiatuba foi criado o cargo de professor substituto, no qual, por meio de concurso público, qualquer possuidor de diploma do Magistério e que atenda às exigências legais publicadas em edital, poderá passar a ser um Servidor Público Municipal lotado na Secretaria Municipal de Educação. A esse servidor cabe:

- Substituir o professor efetivo quando gozando dos direitos de falta garantidos pelo estatuto do funcionário Público Municipal e Estatuto do Magistério;
- Assumir a sala e todas as responsabilidades a ela vinculadas em caso de licenças prêmio, gestante, saúde, ou ainda quando o professor titular da sala for indicado à Coordenação de Unidade Escolar e, assim, submetido à experiência de seis meses no respectivo cargo;
- Assumir a sala quando, por motivo de falta de professor efetivo, não for atribuída no início do ano letivo.

A remuneração dada ao professor substituto é inferior à do professor efetivo, e se mantém invariável seja quando esse responde por alguma sala e todo o seu processo de planejamento e avaliação, processos esses aos quais reservo um capítulo desse Memorial, seja quando esse profissional permanece em sua sede de exercício, auxiliando os professores efetivos dentro de suas salas de aula e disponível para atender à solicitação de substituição em qualquer Unidade Escolar da cidade.

No caso do professor substituto atuar em outra Unidade Escolar que não seja a escolhida por ele na atribuição de aulas, seja por um dia ou por tempo indeterminado, este não recebe nenhum tipo de auxílio transporte.

Agora sobre a afirmação de que a Prefeitura Municipal de Indaiatuba adota uma postura paternalista em relação à educação, informo ao leitor que a Prefeitura envia às escolas municipais o material escolar necessário aos alunos para todo o ano letivo.

Nesse ponto, talvez, o leitor esteja se perguntando o que há de mal em poupar as famílias das temerosas listas de materiais, e respondo que nada. Porém, não são poucas às vezes em que as famílias atribuem também ao sistema, funções que não lhe cabem.

Quando uma Prefeitura Municipal, Estado, ou qualquer instituição, pública ou não, “doa” algo à sociedade, faz com que os beneficiados, ao longo do tempo, passem a entender o que era “doação” como sendo uma obrigação. Esse processo de acomodação faz parte da natureza humana.

Deixo claro que acredito em uma participação da sociedade na escola, muito maior que a simples realização de festas e arrecadação de verbas, como afirma Paro:

Por um lado, o fato de a escola ter funções específicas não a isenta de levar em conta a continuidade entre a educação familiar e a escolar; por outro, é possível imaginar um tipo de relação entre pais e escola que não esteja fundada na exploração dos primeiros pela segunda. É possível imaginar um tipo de relação que não consista simplesmente de uma “ajuda” gratuita dos pais à escola (PARO, 2000, p. 25).

Mas isentá-los de qualquer participação na vida escolar de seus filhos é distanciá-los desse espaço de educação.

Com toda essa “adoção” do aluno por parte do sistema educacional, além de todas as conseqüências sociais provocadas pela mudança do papel da mulher que antes, cuidava da casa e da educação informal dos filhos, e hoje, representa boa parte do mercado de trabalho, as famílias cujos filhos são atendidos por este sistema passam a delegar à escola um papel que cabia, e a meu ver ainda cabe, essencialmente a elas.

Nesse ponto não poderei deixar de relatar algo que me aconteceu em meados do mês de março desse ano, e contribuiu para a definição do tema central desse Memorial. Eu era a responsável pela sala de uma professora que passava pelo processo de experiência na Coordenação de Unidade Escolar e, com a chegada dos cadernos às escolas, fui orientada pela Coordenadora da Unidade Escolar a enviá-los às famílias para que os encapassem, e assim o fiz. No dia seguinte ao envio dos cadernos às famílias, recebi uma aluna com os cadernos desencapados e um recado:

“Minha mãe falou que se você quer caderno encapado, você que encape!”

Em conflito com minhas concepções e chegando até a me questionar se encapar os cadernos era ou não minha função enquanto professora, passei o final de semana com aqueles cadernos “entalados em minha garganta” e, para minha surpresa, visitando a caixa de mensagens do meu computador, encontrei o seguinte

e-mail, através do qual pude definir e certificar-me de que a incessante busca, em textos e teóricos ao longo da Graduação, por uma resposta para a antiga questão acerca do papel do Professor na Educação atual, deveria ser o tema central do meu Memorial de Formação.

Vejam as diferenças...²
O collant virou boddy
O rouge virou blush
O pó-de-arroz virou pó-compacto
O brilho virou gloss
O rímel virou máscara incolor
A Lycra virou stretch
Anabela virou plataforma
O corpete virou porta-seios
Que virou sutiã
Que virou lib
Que virou silicone
A peruca virou aplique, interlace, megahair, alongamento
A escova virou chapinha
'Problemas de moça' viraram TPM
Confete virou MM
A crise de nervos virou estresse
A chita virou viscose
A purpurina virou glitter
A brilhantina virou mousse
Os halteres viraram bomba
A ergométrica virou spinning
A tanga virou fio dental
E o fio dental virou anti-séptico bucal
Ninguém mais vê...
Ping-Pong virou Babaloo
O a-la-carte virou self-service
A tristeza, depressão
O espaguete virou Miojo
A paquera virou pegação
A gafieira virou dança de salão
O que era praça virou shopping
A areia virou ringue
A caneta virou teclado
O long play virou CD
A fita de vídeo é DVD
O CD já é MP3
É um filho, onde éramos seis...
O álbum de fotos agora é mostrado por e-mail
O namoro agora é virtual
A cantada virou torpedo E do 'não' não se tem medo
O break virou street
O samba, pagode
O carnaval de rua virou Sapucaí
O folclore brasileiro, halloween
O piano agora é teclado, também
O forró de sanfona ficou eletrônico
Fortificante não é mais Biotônico
Bicicleta virou Bike
Polícia e ladrão viraram Counter Strike
Folhetins são novelas de TV

Fauna e flora a desaparecer

Lobato virou Paulo Coelho
Caetano virou um chato
Chico sumiu da FM e TV
Baby se converteu
RPM desapareceu
Elis ressuscitou em Maria Rita?
Gal virou fênix
Raul e Renato,
Cássia e Cazuza,
Lennon e Elvis,
Todos anjos
Agora só tocam lira...
A AIDS virou gripe
A bala antes encontrada agora é perdida
A violência está coisa maldita!
A maconha é calmante
O professor é agora o facilitador
As lições já não importam mais
A guerra superou a paz
E a sociedade ficou incapaz...
...De tudo.
Inclusive de notar essas diferenças.

²E-mail recebido em 28/01/2005, autor desconhecido.

2. O papel dos nossos Professores

É impossível falar sobre o papel do professor atualmente sem analisarmos o papel daqueles que nos antecederam e todas as mudanças sociais e econômicas que cercam, e sempre cercaram a Educação brasileira. Nesse capítulo pretendo abordar o papel do professor em determinados momentos da história do Brasil. São eles: o Brasil-Colônia, o processo de industrialização e a crise da Educação brasileira no período de 1964 a 1968.

Tendo sido o Brasil um país colonizado pelos portugueses, os primeiros professores a exercer essa função sistematicamente em nosso país foram os jesuítas. Esses, por sua vez, deveriam, inicialmente, converter a população indígena à fé católica através da catequese e, posteriormente, organizar a Educação para atender aos objetivos e funções da colônia, levando à população indígena à propiciar os lucros às camadas dominantes portuguesas.

Com o esgotamento das matas de pau-brasil, a impossibilidade de os índios produzirem algo interessante à Europa e a possibilidade de outros países ocuparem a colônia, a burguesia mercantil portuguesa passou a cultivar as terras brasileiras utilizando a mão-de-obra escrava de negros e índios, tornando a produção açucareira a única base da economia colonial até meados do século XVII.

Num contexto social com tais características, a instrução, a educação escolarizada só podia ser conveniente e interessar a esta camada dirigente (pequena nobreza e seus descendentes) que, segundo o modelo de colonização adotado, deveria servir de articulação entre os interesses metropolitanos e atividades coloniais (RIBEIRO, 2001, p. 20).

A decadência de Portugal frente a outras metrópoles, claramente constatada após o período de dominação espanhola (1580 – 1640), exige um aumento de funções aos metropolitanos residentes na colônia e, com isso, uma maior instrução e

preparo pessoal com técnicas de escrita e leitura. Nesse momento, a instrução primária, que antes cabia a família, passa a ser dada na escola.

A fim de devolver o poder econômico ao governo, representado pelo ministro Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal), os jesuítas, através da Companhia de Jesus, são expulsos, redefinindo os objetivos educacionais na colônia.

Do ponto de vista educacional, a orientação adotada foi de formar o perfeito nobre, agora negociante; simplificar e abreviar os estudos fazendo com que um maior número se interessasse pelos cursos superiores; propiciar o aprimoramento da língua portuguesa; diversificar o conteúdo, incluindo o de natureza científica; torná-los os mais práticos possíveis (RIBEIRO, 2001, p. 33).

Com isso, surge o ensino público propriamente dito, e o Alvará de 28 de junho de 1759 determinava a prestação de exames para todos os Professores.

Durante todo o período do Brasil-Colônia, pôde-se observar uma organização educacional voltada aos interesses da metrópole, e como também conseqüência o papel do professor voltado a atender esses interesses.

Também é a sociedade, e mais especificamente o modelo econômico industrial, que definem a organização escolar na segunda metade do século XIX.

De fato, esse século se caracterizou, quanto a educação, pela acentuada tendência do Estado de agir como educador. É que as exigências da sociedade industrial impunham modificações profundas na forma de se encarar a educação e, em conseqüência, na atuação do Estado como responsável pela educação do povo (ROMANELLI, 1995, p. 59).

As mudanças no processo de produção e a ampla concentração da população nos centros urbanos, fizeram necessário uma maior qualificação para o trabalho e a eliminação do analfabetismo, pois a manutenção do capitalismo industrial depende do consumo e, só é capaz de consumir, o indivíduo que está inserido no mercado de trabalho que por sua vez, exige cada vez mais qualificação.

Nesse círculo vicioso cabe à Educação e ao Professor, propiciar essa qualificação e fornecer conhecimentos a camadas cada vez mais numerosas da população.

Se, de um lado, cresceram a procura da escola e as oportunidades educacionais, de outro lado a estrutura escolar não sofreu mudanças substanciais, a ponto de oferecer, quantitativa e qualitativamente falando, o ensino de que a sociedade carecia (ROMANELLI, 1995, p. 62).

Essa dualidade gerada com o processo de industrialização originou, no período de 1964 a 1968, uma crise da Educação brasileira. Isso porque os mecanismos de ascensão da classe média até então (abertura de pequenos negócios, ou outra atividade autônoma) tornaram-se cada vez mais estreitos e, em função disso, suas alternativas de ascensão passam a ser as hierarquias ocupacionais nos setores privado e público da economia, aumentando a oferta de trabalho. Porém, para ocupar os níveis e ramos das hierarquias era necessário buscar na Educação uma qualificação que ela não era capaz de oferecer.

“As forças produtivas e as relações de produção, características do capitalismo somente se concretizam e expandem num universo de valores, idéias, noções e doutrinas apropriadas” (IANNI, 1976, p. 22). Nesse panorama, são firmados os acordos entre o MEC³ e a AID⁴, nos quais a AID desenvolveu programas incluindo assistência financeira e assessoria técnica junto aos órgãos, autoridades e instituições na área de Educação.

Naturalmente, essa estratégia, embora não explicitasse uma ação direta, planejadora e organizadora, incluía, e isso está evidentemente implícito nos programas, um tipo de ação que implicava doutrinação e treinamento de órgãos e pessoas intermediárias brasileiras, com vistas obviamente a uma intervenção na formulação de estratégias que a própria AID pretendia fosse adotada pelos dirigentes, órgãos e instituições educacionais (ROMANELLI, 1995, p. 210).

³ Ministério da Educação.

⁴ Agency for International Development (Agência de Desenvolvimento Internacional).

Nesse contexto podemos encontrar o Professor, mais uma vez, tendo seu papel definido pelo momento sócio-econômico pelo qual passa o país e aqui, não poderia deixar de lembrar as reflexões de Émile Durkheim a cerca do caráter social da Educação.

O homem médio é eminentemente plástico; pode ser utilizado, com qual proveito, em funções diversas. Se, pois, o homem se especializa, e se especializa sob tal forma ao invés de tal outra, não é por motivos que lhes sejam internos; ele não é, nesse ponto, levado pelas necessidades de sua natureza. É a sociedade que, para poder manter-se, tem necessidade de dividir o trabalho [...]. Eis por que já prepara, por suas próprias mãos, por meio da educação, os trabalhadores especiais de que necessita. É, pois, por ela e para ela que a educação se diversifica. (DURKHEIM, 1929, p.89-90)

Por mais difícil que possa ser aceitar as afirmações de Durkheim, o papel do Professor ao longo da história vem sendo o de preparar os indivíduos para a sociedade. Consciente disso, o Professor pode optar por desenvolver as necessidades naturais de cada indivíduo, e assumir os riscos de excluir seus alunos da sociedade e seu competitivo mercado de trabalho? Essa opção cabe ao Professor? Nós, Professores, carregaremos também as conseqüências e culpas dessa opção?

3. O Processo Avaliativo na Educação Infantil na cidade de Indaiatuba: “cognitivizando” as relações.

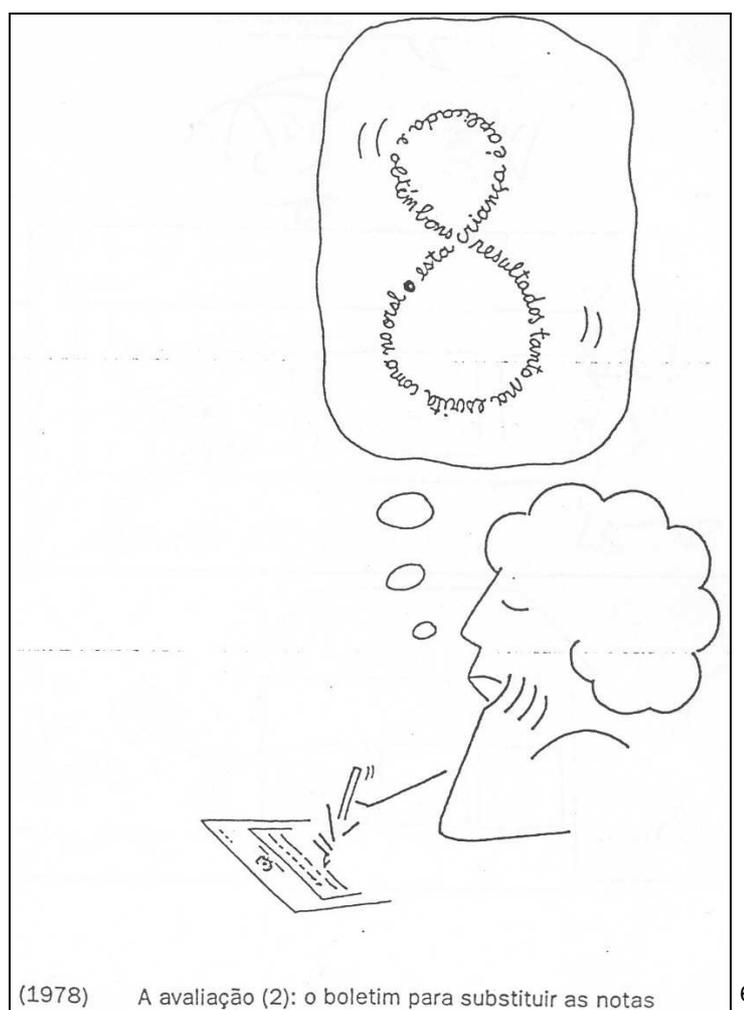


Reservo um capítulo a esse tema pois o período de elaboração e implantação dos processos de Planejamento e Avaliação adotados pela Educação Infantil de Indaiatuba hoje, coincide com boa parte do tempo no qual cursei, e ainda curso, a graduação em Pedagogia.

⁵ TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Francesco Tonucci; trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.96.

Entendo que algumas definições aqui registradas poderiam, juntamente com as tabelas, compor os anexos desse Memorial, mas esse Processo Avaliativo está longe de ser um anexo à minha vida. Ele faz parte desse período, compõe minha formação, minhas angústias, meus anseios.

3.1. A elaboração do Processo Avaliativo na Educação Infantil em Indaiatuba.



⁶ TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Francesco Tonucci; trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.149.

Em 2002, quando ingressei no curso de Pedagogia do PROESF, iniciou-se na Educação Infantil de Indaiatuba, o processo no qual os alunos eram avaliados quanto a conteúdos que deveriam ser trabalhados em sala de aula. Essa avaliação era feita através de uma planilha onde os Professores registravam o domínio total, parcial ou ausência de domínio sobre os seguintes conteúdos⁷: noções espaciais, noções temporais, forma, tamanho, cor, temperatura, textura/consistência, quantidade, percepção gustativa, discriminação auditiva, peso, classificação, conservação numérica, relação número numeral, conservação de massa, conservação de líquido, seriação, seqüência lógica, uso de materiais escolares, desenho da figura humana, linguagem, expressão social, conhecimento social e desenvolvimento físico.

Buscando uma observação mais profunda e detalhada dos alunos, em 2003, o Departamento de Educação Infantil de Indaiatuba implantou os Portifólios nas Escolas Municipais de Educação Infantil. Cada aluno possuía um Portifólio onde, bimestralmente, o Professor deveria registrar quatro intervenções feitas com o aluno e suas respostas, além de suas observações detalhadas quanto ao desenvolvimento do aluno nos conteúdos cor, temperatura, textura, consistência, odor, sabor, som, estruturação do conceito de espaço, forma, tamanho, peso, contagem, relação número e numeral, conservação numérica, classificação, seriação, conservação de líquido, conservação de massa, relações causais, representação e expressão no jogo simbólico, desenho (inclusive da figura humana), imagem mental, linguagem, escrita/leitura, interação social, noções de meio social, desenvolvimento afetivo, área motora fina e área motora ampla.

⁷As especificações quanto aos conteúdos citados compõem o Anexo deste Memorial.

Os Professores também receberam um guia de orientações sobre os conteúdos e atividades a serem trabalhados e avaliados contendo dezenove páginas e que, como passar do tempo, foi apelidado pelo corpo docente de “Bíblia da Educação Infantil”.

Ao término do bimestre, os Professores deveriam entregar à Coordenadora da Unidade Escolar os Portifólios preenchidos, acompanhados de uma planilha coletiva da sala, onde apareciam os nomes dos alunos, os conteúdos avaliados e registrados no Portifólio e seu aproveitamento em cada conteúdo⁸.

Observando-se a dificuldade relatada pelos Professores em preencher os documentos do Processo Avaliativo e as contradições existentes entre os Planos de Aula e os registros das observações dos alunos, os instrumentos do Processo Avaliativo foram modificados para o ano de 2004, passando a ser um caderno de Relatório Diário de Trabalho, com observações individuais dos alunos referentes aos conteúdos do, então destituído, Portifólio, Planilha Coletiva Trimestral nos moldes da utilizada em 2003, porém com maiores especificações nos códigos dos conteúdos e Tabela constando à quantidade de vezes que cada conteúdo foi trabalhado, quantidade de alunos em defasagem (com mais de cinco conteúdos apresentando códigos 1 ou 2, exceto as conservações, classificação, seriação e fases da escrita), alunos transferidos ou recebidos durante o trimestre e alunos que excederam ao limite de dez faltas no trimestre.

⁸ Os códigos e a fase de desenvolvimento a que se referem encontram-se em Anexo.

Além das mudanças nos instrumentos de avaliação, os planos de aula que, até então, eram feitos baseando-se as atividades nas áreas de desenvolvimento⁹, passaram ao modelo horizontal¹⁰.

Ao final do ano letivo de 2004, foi enviado aos Professores um questionário referente aos instrumentos do Processo Avaliativo, sua eficácia e adequabilidade, e o resultado foi uma aprovação por parte dos docentes de mais de 80%.

Com a finalidade de analisar os resultados dessa pesquisa e intensificar os estudos referentes ao Processo Ensino-Aprendizagem da educação Infantil de Indaiatuba, foi criada uma Comissão de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem das Escolas Municipais de Educação Infantil (CAPEAE), composta por Diretores e Coordenadores de Unidades Escolares, Chefes de Divisão de Ensino Fundamental e da Pré-escola, Supervisores de Ensino, Orientadores Pedagógicos e Psicólogo. Não fazem parte dessa comissão representantes do corpo docente e das comunidades envolvidas, situação que Paro descreve em toda sua obra.

[...] conferir autonomia à escola deve consistir em conferir poder e condições concretas para que ela alcance objetivos educacionais articulados com os interesses das camadas trabalhadoras. E isso não acontecerá jamais por concessão espontânea dos grupos no poder. Essa autonomia, esse poder, só se dará como conquista das camadas trabalhadoras. (PARO, 2001, p. 11)

Do trabalho e estudos realizados por essa comissão resultou o Processo Avaliativo do Desenvolvimento Escolar 2005, do qual fazem parte os seguintes instrumentos:

- Inventário de Interesses integrado ao Plano de Aula

⁹ As áreas de desenvolvimento são: Perceptiva, onde a criança percebe os atributos através dos sentidos; Cognitiva, onde a criança organiza seu pensamento logicamente; Linguagem, área em que a criança utiliza-se da linguagem como forma de expressão; Motora, onde a criança poderá desenvolver-se quanto à motricidade; Expressão Social, onde a criança expressa-se quanto ao tema trabalhado; Conhecimento Social, momento em que a criança expõe o que já sabe a respeito do tema e entra em contato com novas informações; Desenvolvimento Físico e Recreação, atividades que envolvem diretamente a motricidade ampla.

¹⁰ O modelo horizontal de Plano de Aula segue em Anexo.

O Inventário de interesses procura respeitar a opinião dos alunos e tornar a aula mais significativa, introduzindo temas ou atividades preferidas, resgatando o que os alunos já sabem ou gostariam de saber sobre o assunto, valorizando o conhecimento prévio e estimulando a curiosidade em relação aos assuntos do dia-a-dia. No Plano de Aula, o Professor deverá garantir o equilíbrio dos conteúdos a serem trabalhados na programação pedagógica, orientando seu trabalho do acordo com os interesses demonstrados no Inventário.

- Relatório de Trabalho (RT)

Instrumento que registra as observações feitas pelo Professor em relação a cada aluno, tornando perceptíveis as necessidades individuais e permitindo o planejamento das aulas em função dessas necessidades. O que rege as observações do Professor são os objetivos das atividades descritas no Plano de Aula, porém, a riqueza de alguns momentos permite o registro de conteúdos não objetivados para aquele momento.

- Planilha Coletiva

É através da Planilha Coletiva que se pode verificar as diversidades de necessidades das classes e a partir daí estabelecer o que é significativo para cada uma, reorientando as metas pedagógicas coletivas e individuais. Os conteúdos didáticos trabalhados¹¹ são codificados com números que representam o nível de domínio demonstrado pelos alunos em relação aos objetivos propostos pelo Professor nas atividades desenvolvidas.

- Tabela para acompanhamento do aluno (GAP)¹²

¹¹ Os conteúdos didáticos trabalhados, os códigos numéricos e o nível de domínio que representam encontram-se em Anexo nesse Memorial.

¹² GAP – Grupo de Apoio Pedagógico composto, em sua maioria, por fonoaudiólogos e psicólogos.

Muitos alunos apresentam necessidades que vão além das questões pedagógicas e requerem um encaminhamento ao GAP. Esse encaminhamento é um processo que envolve Professor, Diretor/Coordenador, Orientador Pedagógico, Psicólogos e a família do aluno. Uma vez detectada a necessidade do encaminhamento, esse instrumento do Processo Avaliativo tem como objetivo colocar o GAP a par de todos os acontecimentos e progressos desse aluno.

- Relatório individual do aluno

Esse relatório visa identificar os alunos que necessitam de uma atenção maior e de uma análise mais qualitativa do que quantitativa, principalmente quando são transferidos ou na passagem do ano letivo.

3.2. “Cognitivizando” a relação Professor/Aluno.



O Professor da Educação Infantil de Indaiatuba, diante de tantos instrumentos de avaliação, vem sentindo-se angustiado. Não que não saiba da importância desses instrumentos no planejamento das aulas e no desenvolvimento de seus alunos, e o resultado do questionário sobre o Processo Avaliativo 2004 prova isso, porém ainda é difícil colocar esse processo em prática com outra finalidade que não seja a de entregar esses instrumentos e documentos aos superiores hierárquicos.

¹³ TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Francesco Tonucci; trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.92.

Nossas escolas atendem à crianças que, muitas vezes, exigem que o Professor assuma também o papel da família, ensinando-os noções de convivência, respeito, limites e, não raramente, de “sobrevivência” , como vestir-se, usar o banheiro, amarrar os sapatos ou segurar corretamente os talheres, por exemplo. Nesse contexto, atendendo a trinta e dois alunos por sala, e permanecendo com essas crianças apenas três horas e doze minutos por dia, o Professor acaba sentindo-se obrigado a optar por trabalhar o desenvolvimento cognitivo ou social.

É preciso vivenciar tudo aquilo que é possível vivenciar, os demais conceitos, algumas outras noções necessárias ao convívio social, se ensina e se aprende.

Precisamos ensinar nossos jovens a exigirem seus direitos, mas antes de tudo, devemos ensiná-los a cumprir seus deveres. Feito isso, teremos um mundo de cidadãos conscientes e responsáveis pelos seus deveres e, então, precisaremos exigir muito menos dos nossos direitos. Desse modo seremos, sem dúvida, mais felizes...

Devemos sim dialogar com nossos alunos, ensinar-lhes valores, a discernir entre o certo e o errado, levando em conta até mesmo a mais inexpressiva atitude. Devemos alertá-los de que o bem e o mal não têm escala. O bem é o bem, o certo é o certo e, nessa verdade, haveremos nós de sermos fiéis. (BOLDORI, 2004, p.1)

Assim, um processo avaliativo deve permitir que as pessoas se relacionem independente dele, de seus moldes e toda a sua definição.

4. Educação, profissão de todos.

O fato de encontrar em jornais, revistas e televisão médicos, jornalistas, psicólogos, neurologistas, psiquiatras entre inúmeros profissionais falando sobre Educação, me incomoda desde que iniciei o curso de Graduação em Pedagogia.

Entendo a Educação como sendo um assunto e uma preocupação de toda a sociedade, mas a forma como essa sociedade fala sobre a Educação, a Escola e o Professor, menospreza, minimiza e, em certos casos, dispensa todo o esforço e estudos daqueles que sempre foram definidos como os protagonistas do processo educativo: o Professor, o Pedagogo. Segundo Contreras (1997) quando se fala na televisão sobre algum problema educacional, em seguida sempre entrevistam a um psicólogo, nunca um Pedagogo ou Professor, que são, de fato, aqueles que estão enfrentando o problema.

É sempre o mundo acadêmico que fala do professor e define as posturas a serem adotadas por ele, o conhecimento por ele acumulado através de anos de estudos e prática pedagógica são ignorados.

A Rede Globo de televisão, através do projeto “Amigos da escola”, deixa claro a milhões de brasileiros que para se conseguir uma Educação de qualidade, basta ter vontade e colaboração. Assim, qualquer um pode atuar na Educação, ainda que não tenha o menor conhecimento teórico sobre o assunto, e toda a formação do Professor, do Pedagogo, passa a ser banalizada, desvalorizando nossa profissão. Gostaria de encontrar o ator Tony Ramos, mesmo sabendo que ele apenas representa o projeto e toda a ideologia embutida nele, e perguntar o que ele acha de eu ser uma “Amiga do Hospital”, “Amiga do Corpo de Bombeiros”, “Amiga do Quartel da Polícia Militar”.

Os textos estudados durante o segundo semestre da graduação na disciplina Pesquisa Educacional, mostram que já é hora do Professor, do Pedagogo transformarem sua experiência em ciência, registrando os seus conhecimentos e garantindo sua autonomia, sua autoridade em fazer algo baseado no que se acredita na escola, e não em consultórios.

A Educação não tem tradição, enquanto área científica. Nos últimos anos porém, com o desenvolvimento da pós-graduação foi assimilando certas referências teóricas, assim como certo vocabulário das áreas afins que passaram a ser utilizados com recorrência nos relatórios de pesquisas (BRANDÃO, 1992, p. 162).

A pesquisa em Educação ainda depende de outras áreas pois não possui uma tradição científica a que possa se reportar. A Educação inicia sua produção autônoma no campo da pesquisa utilizando-se da coleta de dados e do tratamento matemático-estatístico para explicar e provar aquilo que se observa nessa área e, posteriormente, adota outras ferramentas que não mais se limitam aos dados quantitativos.

O Professor deve buscar na teoria subsídios que melhorem sua prática, que respondam suas dúvidas e, não os encontrando, deve ele mesmo construí-los, pois é capaz disso. Ver a teoria como uma hipótese e não uma verdade absoluta é o primeiro passo para essa construção.

O Professor vem recebendo a teoria quando deveria buscá-la. Receber a teoria implica em aceitar que ela, talvez não responda nossas reais dúvidas. O processo de pesquisa-ação, definido pela primeira vez por Kurt Lewin nos anos 40, e mais tarde também caracterizado por John Elliot, apresenta uma proposta de pesquisa muito próxima à realidade do Professor.

O objetivo fundamental é, antes, melhorar a prática do que gerar conhecimento. A produção e utilização do conhecimento se subordinam a este objetivo fundamental e está condicionado por ele (ELLIOT, 1991, p. 67).

As principais características desse processo pesquisa-ação definidas por Elliot, podem ser descritas como:

- Ser uma estratégia associada à formação das pessoas envolvidas nela;
 - Centrar-se sobre atuações históricas e situações sociais que são percebidas pelos professores como problemáticas e passíveis de mudanças;
 - Compreender o que está ocorrendo a partir da perspectiva dos implicados no processo: Professores, alunos, pais, direção;
 - Reelaborar discursivamente as contingências da situação e estabelecer as inter-relações entre as mesmas.
- (GERALDI, FIORENTINI, PEREIRA, 1998, p. 164).

Mas será que o Professor está preparado para fazer do seu trabalho uma fonte de pesquisa?

É inquestionável a importância do papel da formação teórica para o pesquisador. É a teoria que vai muni-la de elementos para interrogar os dados e procurar entender a trama de fatores que envolvem o problema que ele tenta enfrentar. Ela o ajuda a estabelecer uma distância, ou uma posição exterior ao objeto em estudo, permitindo-lhe percebê-lo de diferentes perspectivas e propondo questões para avançar o conhecimento sobre ele (GERALDI, FIORENTINI, PEREIRA, 1998, p. 42).

É esse, a meu ver, um dos principais objetivos do curso de graduação em Pedagogia PROESF, isto é, dar àqueles que já possuem a prática, conhecimento para utilizar as teorias existentes ou até, quem sabe, produzir novas teorias.

5. Professor, profissão “polvo”.

Nos últimos tempos vem sendo, à cada dia mais comum, vermos os Professores sendo chamados de Educadores. Mas o que mais me preocupa nesse momento é ver os próprios Professores se chamando de Educadores e, muito mais do que isso, adotando um discurso no qual dizem não ser meros Professores, mas sim Educadores.

A Educação vem sendo tida como “remédio para todos os males sociais”, e, sob esse ponto de vista, o Educador é o principal responsável por esse processo de “cura social”. Aceitar esse papel é aceitar toda a transferência de responsabilidade que a sociedade, a mídia e os políticos, vem fazendo para nós Professores, Educadores, ou sei lá qual será a próxima definição que nos darão.

Por mais Educadores que sejamos, sem um processo de mudança social, econômica e política, assumir esse papel que está sendo atribuído ao Professor é quase um “suicídio profissional”.

[...] conferindo-se às escolas atributos que ultrapassam sua dimensão de ensino/aprendizagem para se transformar em espaços de socialização e de prestação de serviços públicos municipais, assim como o papel que a educação passou a ter no novo paradigma do mundo do trabalho (GOHN, 2001, p. 99).

E, mais uma vez, o Professor não foi consultado quanto a essa redefinição da Educação e, muito menos, essa profissão passou a ser mais valorizada ou remunerada.

Somos “polvos” com apenas dois braços!

E nesse processo, o profissional da área da Educação, aqui já não sei se devo chamá-lo Professor ou Educador deixa de ser humano, pai, mãe, filho. Nosso tempo é tomado pela Educação e aquele aluno que não aprende, que o pai está

preso, que a mãe usa drogas, que sofre maus tratos não resolvidos pelo Conselho Tutelar.

Eu quero ser Professora com responsabilidades de Professora, sensibilidade de Professora pois, enquanto abraço o mundo, ninguém me abraça, e trabalho muito enquanto outros ganham muito. Quero tempo para mim, para minha filha, meu marido, minha vida de ser humano, como qualquer outro trabalhador de qualquer outra área.

6. Uma geração de Professores no banco dos réus.

Que a Educação é profissão de todos é visível, mas de quem é a culpa?

Do Professor!

Foi nossa culpa também ontem, quando alunos que tendo sido alfabetizados pelo método tradicional, carregávamos a responsabilidade de aprender, estudar, decorar.

É nossa culpa hoje, quando professores que, conhecedores dos estudos de Jean Piaget e do processo pelo qual nossos alunos passam ao aprender, não obtermos êxito com alguns alunos, embora tenhamos nos desdobrado em milhares.

E será nossa culpa também amanhã, se ao colhermos os frutos do Construtivismo por nós trabalhado hoje, percebermos que o resultado não foi o esperado.

Estaremos eternamente sentados no banco dos réus, e a medida que aumentam os atributos da escola e do Professor, aumentam também as nossas culpas e nossas penalidades.

Em entrevista a revista Nova Escola, a ex-secretária de Educação do estado de São Paulo, Rose Neubauer, ao falar sobre a progressão continuada afirma “E, se em oito anos uma criança normal não aprender nada, de quem é a culpa? Alguém trabalhou, ganhou e não fez o que tinha de fazer” (BRIZA, 2004, p. 21).

Ao ler a afirmação acima foi impossível não encher-me de indignação. Primeiro porque acredito que em oito anos é impossível alguém não aprender nada, e segundo porque, ainda que em oito anos fosse possível alguém não aprender nada, como pode-se afirmar com tanta certeza que a culpa é do Professor. Essa pessoa hipotética, em oito anos, poderia ter passado por oito Professores diferentes

e, será que todos esses oito professores trabalharam, ganharam e não fizeram nada?

A revista *Veja* de 24 de setembro de 2003 trouxe uma matéria escrita por Diogo Mainardi, que com certeza não é um profissional da Educação, onde o autor trata qualidade da Educação no Brasil e atribui ao Professor boa parte da culpa pela educação ineficiente nas escolas públicas. O autor sugere que seja aplicado o Provão para os Professores e, aqueles que não forem aprovados, sejam demitidos e o dinheiro de seus salários destinados àqueles que, de fato, são capazes de ensinar.

Pelas estatísticas oficiais, 60% dos alunos da 4ª série não sabem ler nem efetuar as quatro operações. Os filhos dos pobres aprenderiam muito mais se ficassem o dia inteiro assistindo a reprises do Scooby-Doo na televisão (MAINARDI, 2003, p. 131).

E nesse ponto questiono, o Professor foi consultado quanto à implantação da progressão continuada?

Não nos consultam, só nos condenam!

Mainardi ainda conclui que se faltarem Professores competentes, a solução é o telecurso e a transformação dos Professores incompetentes em bedéis. Será que as escolas do semi-árido brasileiro, onde os livros são doados e o giz comprado pelo professor tem condições de adaptar-se ao telecurso?

Eles sequer têm energia elétrica, mas nem vou levantar essa questão aqui, pois vai que alguém lê e resolve atribuir também ao Professor a culpa pela falta de estrutura e o desvio de verbas da Educação em algumas regiões do Brasil?

7. Cada macaco no seu galho.

É bastante comum ouvirmos as pessoas dizerem que as escolas públicas de hoje não ensinam e, normalmente, esse discurso vem seguido de análises quanto ao número de alunos das escolas públicas que ingressam em universidades federais e estaduais, frente ao número de alunos de escolas particulares na mesma situação.

Mas eu levanto a questão: o Professor da escola pública tem tempo de ensinar?

Em fevereiro desse ano fui contratada por uma escola particular de Indaiatuba para ministrar aulas de português em três turmas de quarta série e, à partir daí, pude comparar, de fato, as diferenças no processo ensino-aprendizagem e, nesse momento ousou afirmar, o sucesso e a qualidade do ensino estão ligados à organização do processo.

Nessa escola, que atende alunos do berçário ao ensino médio, cada profissional exerce a sua função: os professores ensinam, a coordenadora pedagógica dedica-se ao pedagógico e atendimento aos pais, a fonoaudióloga interage com os alunos observando e orientando a linguagem, a dentista orienta e observa a higiene bucal, e assim por diante, ou seja, “cada macaco no seu galho”.

Nesse contexto, é possível que o Professor dedique-se ao processo ensino-aprendizagem com a segurança de cada um dos demais profissionais estarão atendendo às outras necessidades dos alunos. Os psicólogos têm uma aula por semana com cada turma e, observando a necessidade de uma maior intervenção, realizam o encaminhamento.

Chego a pensar que as escolas particulares têm Professores, enquanto a rede pública conta com Educadores que devem ser responsáveis pela formação total das crianças, desde o básico como segurar o talher ou usar o banheiro até a

formação escolar como as primeiras palavras e os primeiros textos. Se o Estado não subsidia uma estrutura sólida, com profissionais qualificados em cada área e presentes diariamente nas escolas, é compreensível que adote um discurso ideológico no intuito de convencer o Professor a abraçar todas as causas educacionais.

A integração do cuidar e do educar vem sendo um novo paradigma na Educação.

Novas tendências têm surgido, mudando a visão da infância e dos serviços voltados à criança pequena. Profundas mudanças nas sociedades em geral, na estrutura familiar, bem como o surgimento de novos papéis para mulheres, mães, homens e pais, pressionam uma revisão na relação família-Estado, quanto à responsabilidade pelo cuidado e pela educação da criança pequena (HADDAD, 2003, p.17).

Mas toda a responsabilidade de relacionar o cuidar e o educar, além da cobrança quanto ao êxito dessa relação, cabem, exclusivamente, ao Professor.

A posição que a mulher ocupa, hoje, na economia familiar, leva a família à delegar todo o processo de Educação à escola e ao Professor, mas a balança da Educação desequilibra quando, de um lado, aumentam as atribuições do Professor, e de outro, os subsídios e recursos para o Professor permanecem os mesmos.

No grupo familiar, ocupando um lugar determinado, a criança realiza a aprendizagem das relações e sentimentos sociais, positivos ou não; ignorar essa influência na formação do aluno, acreditando que o Professor pode formar todos os valores satisfatoriamente durante o tempo que passa na escola é ilusão. Respeitar o aluno, seu ritmo de desenvolvimento pessoal, seus interesses e particularidades, não significa deixar de ensiná-lo, dar-lhe limites e valores.

Nessas últimas décadas, a ética foi centrada na criança com frases do tipo: “não, podemos traumatizar nossos filhos”, e a criança se tornou o centro, a causa e o fim da família e da escola. Os pais não devem esquecer que antes de serem amigos de seus filhos, são pais. Ser pai ou mãe significa estabelecer limites e impor regras (DORSCHNER, 1999, p.106).

O Professor deve, sim, proporcionar aos alunos a formação da cidadania e o aprendizado significativo, mas as relações estabelecidas entre os membros da família influenciam as relações que esse aluno estabelecerá na escola. “O núcleo familiar é um lugar problemático e crítico, onde tanto se encontra o afeto quanto a disfuncionalidade, tanto o acolhimento quanto os maus-tratos.” (SARMENTO, 2004, p.16).

A escola deve cumprir seu papel social, oferecendo à criança uma formação baseada na cidadania, mas sem dispensar a família de cumprir o seu papel.

[...] percebo que as crianças têm dificuldade de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos [...]. Até parece que quem educa é a escola e cabe ao pai e à mãe uma posição recreativa. Essa idéia não pode prevalecer. A educação com vistas à formação do caráter, da auto-estima e da personalidade da criança ainda é, na maior parte, responsabilidade dos pais. (TIBA, 2002, p.180)

O ideal é que todos os indivíduos que, de alguma forma, fazem parte do meio em que a criança vive, façam parte, também, de sua Educação.

Se a parceria entre família e escola for formulada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los (TIBA, 2002, p.183).

O colégio ao qual me referi no início deste capítulo, entendendo a importância da participação dos pais na Educação de seus filhos, visando uma maior qualidade desse processo, e cumprindo com seu papel social, promove anualmente o EPA - Encontro de Pais, onde especialistas em Educação, Psicologia entre outras áreas ligadas à formação dos alunos, ministram palestras orientando e respondendo às dúvidas levantadas pelos pais. O texto de abertura do EPA 2005 define, breve e claramente, os propósitos e objetivos desse encontro.

O Encontro de Pais do Colégio Objetivo Indaiatuba, visa a promoção de uma reflexão com pais e educadores sobre a instituição familiar, seus aspectos culturais, limites e outros fatores essenciais para uma convivência harmônica e sadia.

Nós, do Colégio Objetivo, sentimo-nos co-participantes deste processo em construção. Esperamos a formação de cidadãos cooperativos, responsáveis por seus deveres e conscientes de seus direitos. Por isso, promovemos troca de idéias e palestras. Não sairemos com “receitas prontas”, muito menos com conceitos engessados, mas, teremos oportunidade de aprendermos com outros pais, com outras experiências e pontos de vista diferentes.

Como o conhecimento não se esgota nos bancos escolares, sabemos que estamos crescendo, pois, acreditamos que a aprendizagem e o conhecimento só se realizam na interação com o outro, daí a importância da integração família-escola. (BOLDORI, 2005)¹⁴

Uma Educação onde cada um cumpre o seu papel, respeitando a importância do papel do outro, propicia um meio harmonioso de formação global e segura.

¹³ BOLDORI, Loide. **Abertura do EPA – Encontro de Pais 2005.**

8. Afinal, qual o papel do Professor no século XXI?

Uma análise histórica acerca do papel do Professor no Brasil possibilitou-me observar o quanto à situação sócio-econômica do país influencia as práticas educacionais. Precisa-se de escravos, Catequiza-se; precisa-se de técnicos, forma-se.

Dessa forma, para compreender o papel do Professor atualmente, faz-se necessário analisar a sociedade atual, suas necessidades e exigências.

Ao longo desse Memorial pôde-se observar como vêm aumentando as atribuições do Professor, chegando-se a chamá-lo de Educador.

O Professor do século XXI precisa tomar consciência das ideologias e responsabilidades embutidas no termo educador para, a partir daí, assumir ou não essa denominação e toda a bagagem que lhe é anexa.

Esse Memorial foi o ponto de partida para uma longa trajetória em busca do papel do Professor, a qual pretendo percorrer durante minhas pesquisas de mestrado, buscando nas Ciências Sociais, conhecer um pouco mais da sociedade e economia de hoje, e junto aos Professores em exercício, descobrir o papel que eles vêm assumindo atualmente.

Nesse momento, posso definir o Professor atual como alguém sensível que, diante das intermináveis necessidades de seus alunos e, sabendo que pode ser, talvez, o único profissional próximo o suficiente para ajudá-los, assume seu papel de “polvo” com a certeza de que faz o possível, e às vezes quase o impossível, para contribuir na formação de nossas crianças.

A Graduação em Pedagogia possibilitou-me realizar essas reflexões e compreender que o magistério não é um sacerdócio ao qual deve-se dedicar toda uma vida de trabalho árduo e mal remunerado. Ser Professor é ser um profissional

como todos os demais e requer competência, qualificação e consciência do seu papel, sabendo diferenciá-lo de toda a carga que a sociedade insiste em nos atribuir. Hoje sou capaz de reconhecer os diferentes papéis do professor na sociedade e no mundo, e escolher aquele que desejo assumir.

A maior conquista que a Graduação me trouxe foi o poder de escolha...agora, ninguém mais escolhe por mim!

Referências Bibliográficas

- BOLDORI, Loide. Os desafios da equipe que constrói a educação. **Matéria-Prima**. Indaiatuba, n. 15, p.1, dez. 2004.
- BRANDÃO, Z. A teoria como hipótese. In: **Teoria e Educação**. 1992. p. 161-169.
- BRIZA, L. Fala, Mestre! **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 178, p. 20-22, dez. 2004.
- CONTRERAS, J. D. **La autonomia del profesorado**. Madrid: Morata, 1997.
- DORSCHNER, John. Os sete mandamentos. **Revista Seleções**. Indaiatuba, p. 106-112, out. 1999.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1929.
- ELLIOT, J. Actuación profesional y formación del profesorado. **Cuadernos de Pedagogía**. Barcelona, p. 76-80, jan 1991.
- GERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E.M. de A (orgs). **Cartografias do trabalho docente: professor(a) – pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil, 1998.
- GOHN, M. da G. **Conselhos Gestores e a participação sócio-política**. São Paulo: Cortez, 2001.
- HADDAD, Lenira. **Um novo paradigma na integração do CUIDAR e EDUCAR**. In: Pátio da Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, n.1, p. 16-19, abr/jul. 2003.
- IANNI, Octávio. **Imperialismo e Cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MAINARDI, **Escola é perda de tempo**. In: Revista Veja. São Paulo: Abril, p. 131, set. 2003.
- PARO, Victor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.
- _____. **Gestão democrática na escola pública**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 17 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

- SARMENTO, M. J. **Essa criança que se desdobra...** In: Pátio da Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, n. 6, p. 14-17, dez. 2004/mar. 2005.
- TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2002.
- TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradução de Patrícia Chitton Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Anexo 1

Conteúdos a serem avaliados em 2002.

| Fases da Escrita | | Pré-silábico (PS) Silábico (S) Silábico Alfabético (SA) Alfabético (A) |
|------------------|------------------------------|---|
| Área Perceptiva | Noções espaciais 1 | Frente, trás, ao lado, em cima, embaixo, entre, dentro, fora, longe, perto. |
| | Noções temporais 2 | Ontem, hoje, amanhã, manhã, tarde, noite, antes, durante, depois, agora, começo, meio, fim. |
| | Forma 3 | Formas geométricas, objetos que rolam, que não rolam, circulares, não circulares, com e sem ponta. |
| | Tamanho 4 | Grande, pequeno, médio, maior que, menor que, alto, baixo, curto, comprido, estreito, largo. |
| | Cor 5 | Primárias e secundárias. |
| | Temperatura 6 | Quente, frio, morno, gelado. |
| | Textura/Consistência 7 | Duro, mole, macio, áspero, liso. |
| | Quantidade 8 | Muito, pouco, cheio, vazio. |
| | Percepção gustativa 9 | Azedo, doce, salgado, amargo. |
| | Discriminação auditiva 10 | Identificar sons e fonte sonora. |
| | Peso 11 | Leve, pesado. |
| Área Cognitiva | Classificação 12 | Classificação Figural (F) – quando a criança agrupa elementos segundo uma conveniência, atendo-se a configuração espacial. Classificação Não Figural (NF) – quando a criança já monta coleções atribuindo aos elementos do conjunto, critérios de semelhanças. |

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| Área Cognitiva | Conservação numérica 13 | A criança conserva numericamente quando, continua julgando dois conjuntos com a mesma quantidade, mesmo após um deles ter seus elementos distribuídos espacialmente de forma diferente. |
| | Relação número/numeral 14 | Associação de algarismo à quantidade. |
| | Conservação de massa 15 | Trata-se de admitir a equivalência de duas quantidades de massa idênticas, mesmo após uma delas ser moldada em outro formato ou disposta de outra maneira. |
| | Conservação de líquido 16 | Trata-se de admitir a equivalência de duas quantidades de líquido idênticas, mesmo após uma delas ser transvasada para um recipiente diferente. |
| | Seriação 17 | Seriar é ordenar objetos pela sua diferença, tendo convicção que, na escala, um objeto é maior que o anterior e menor que o posterior. |
| | Seqüência lógica 18 | Distribuir objetos em uma cadeia lógica que se repete. |
| Área Motora | Uso de materiais escolares 19 | Cola, tesoura, caderno, folhas, lápis, borracha, apontador. |
| | Desenho da figura humana 20 | Apresentar detalhes ou não. |
| Área de Linguagem 21 | | Vocabulário, expressão, compreensão, dificuldades fonoaudiológicas. |
| Área de Expressão e Conhecimento Social 22 | | Comportamento, participação. |
| Área de Desenvolvimento Físico | | Chutar, correr, saltar, pular, engatinhar, rolar, andar, postura, etc. |

Anexo 2

Códigos a serem utilizados na Planilha de Avaliação 2003.

0 – Conteúdo não avaliado.

1 – Fase em que a criança não demonstra domínio em relação ao conteúdo.

2 – Fase de domínio inicial do conteúdo.

3 – Fase intermediária d domínio do conteúdo.

4 – Fase de domínio do conteúdo.

Fases da
Escrita

PS – Pré-silábico.

SSV – Silábico sem valor sonoro.

SAV – Silábico com algum valor sonoro.

SCV – Silábico com valor sonoro.

SA – Silábico alfabético.

A – Alfabético.

Classificação

F – Classificação figural.

NF – Classificação não figural.

C – Conserva.

NC – não conserva.

Seriação

AS – Ausência de seriação.

SE – Seriação empírica.

SO – Seriação operatória.

Anexo 3

Modelo de Plano de Aula Horizontal.

Tema:

Tempo Previsto:

| Atividades | Objetos Específicos | Conteúdos | Áreas |
|------------------------|---------------------------------------|---|---------------------------------------|
| O que se planeja fazer | O que se deseja desenvolver e avaliar | Quais conteúdos serão trabalhados e avaliados | A qual área esses conteúdos pertencem |

Atividades Permanentes

| Atividades | Objetivos Específicos | Conteúdos | Áreas |
|--|-----------------------|-----------|-------|
| Fila Hino Merenda Escovação Cantinhos Jogos Pedagógicos Brinquedos | | | |